

## O INDIZÍVEL DO CORPO TORTURADO

**Aluna: Ana Lygia dos Santos**  
**Orientadora: Ana Paula Veiga Kiffer**

### **Introdução**

O ponto principal desta pesquisa, intitulada “*O indizível do corpo torturado*”, se constitui a partir de um estudo acerca do gênero do testemunho no Brasil, especificamente após o episódio do regime militar de 1964. Tal tema relaciona-se ao projeto de pesquisa “*Escrita e Corpo - Rupturas no tecido literário*” orientado pela professora Ana Paula Veiga Kiffer, que tem como objeto a investigação da ruptura da noção de texto literário em proveito de uma noção de escrita.

O escopo que a Literatura de Testemunho apresenta traz diferentes modos de representação da dor. Para tanto, as atividades de pesquisa iniciaram-se em leituras centradas a partir do vínculo entre literatura e política e, posteriormente, das teorias psicanalíticas e representações do corpo, a fim de que os pressupostos da temática em questão fossem compreendidos.

Tendo como base a produção testemunhal de Flávio Tavares, “*Memórias do Esquecimento*”; de Frei Betto, “*Batismo de Sangue*”; Ana Maria Colling, “*A Resistência da Mulher à Ditadura Militar*”, o material deixado pelo dominicano Tito de Alencar Lima, entre outros e diversas produções audiovisuais referentes ao período analisado, pretendeu-se estudar a relação da memória, invariavelmente traumática, com a narração dos eventos vividos, relacionando a teoria do testemunho à teoria e história da memória. Partindo dessa premissa, foi feito um corte dentro da Literatura de Testemunho a fim de se estudar os efeitos do trauma dentro do discurso de um corpo marcado.

É a partir dessa relação que foram tecidas as características do testemunho e seu espaço problemático dentro da teoria literária, uma vez que tal gênero abre discussões acerca do papel do discurso narrativo no limiar entre fato e ficção.

Fundamentado nas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud e a partir da noção de memória desenvolvida por Jeanne-Marie Gangnebin, foi articulado nos testemunhos analisados a noção de corpo como fonte de pulsão, elemento constitutivo das elaborações psíquicas e a linguagem, como meio eficaz para elaborá-lo.

Quanto ao termo utilizado no título da pesquisa, este refere-se à cisão do sujeito que narra, uma vez que a descrição de tais memórias traz uma enorme carga de violência e à dificuldade enfrentada no ato de escrever a dor. A necessidade de registrar a experiência e, ao mesmo tempo, a necessidade de esquecê-la, criam no indivíduo a fragmentação do discurso, articulado na materialização da linguagem, de modo que o corpo do discurso mostre-se como o discurso do corpo. Sendo assim, buscou-se avaliar o interdito nessa escritura que se corporifica, a fragmentação, a ruptura, os limites desse corpo que fala, que comunica através do discurso o incomunicável.

### **Pressupostos teóricos e discussão bibliográfica**

Como estabelecer a verdade diante de um discurso mediado pelo trauma? A memória pode predominar na escrita da história? Em que medida o contexto autoritário influi no estado melancólico individual? Como traduzir o silêncio, o interdito, o fragmentado num discurso pautado pelo trauma? Como se dá a observação do indizível no corpo torturado?

Como o corpo se manifesta em seu discurso da dor? Tais questões foram contempladas no decorrer do estudo, cujas respostas, difíceis, apontam a relevância das perguntas, uma vez que não só ao corpo individual que foi direcionada a maquinaria do terror, mas também ao corpo social como um todo.

A partir da publicação da Lei da Anistia no ano de 1979 e a volta de vários exilados políticos ao país, iniciou-se um movimento que favorecia a publicação de obras que contemplassem o período do regime militar brasileiro e suas consequências no seio social. Tais produções trouxeram ao grande público dolorosos relatos de torturas praticadas sistematicamente pelos agentes repressivos do governo. Dessa geração literária destacamos o testemunho de Flavio Tavares em seu *Memórias do Esquecimento*, a pesquisa feita por Ana Maria Colling em seu *A Resistência da Mulher à Ditadura Militar*, bem como a carta do dominicano Tito de Alencar Lima, entregue à imprensa após o longo episódio de tortura sofrida dentro dos portões Operação Bandeirantes (Oban), que agregam à função documental do testemunho a dimensão psicanalítica, expressas na relação traumática da memória de uma realidade de agressões físicas e psicológicas, de anulação do sujeito pelo torturador e de exílio. Há em tais obras a necessidade premente de se relatar os fatos vividos, para que não caiam no esquecimento e a dificuldade de fazê-lo, já que o acontecido marcou profundamente a consciência dos sujeitos torturados, tornando a própria rememoração problemática, uma vez que isso significa perdas físicas ou simbólicas.

### **As teorias do testemunho, memória e trauma**

Segundo Selligmann-Silva, a teoria do testemunho surgiu em diferentes países, através de diversos contextos. Na Europa, surge como necessidade de se criar um aparato teórico que contemplasse os textos de sobreviventes da Shoah. Na América Latina, o testemunho está relacionado à experiência de regimes autoritários, seja num contexto de uma ditadura política, de exploração econômica, ou na realidade das minorias étnicas e sexuais. Se dentro da realidade européia o estudo do testemunho tem aliado a teoria literária à filosofia da história e da psicanálise, nos países da América Latina, a teoria do testemunho está ligada à função documental e representação política.

Para Jeanne-Marie Gagnebin, o cuidado com a memória torna-se, além de um objeto de estudo, uma tarefa ética (e por que não dizer histórica e social), visto que tal resgate proporciona a preservação daquilo que estava perdido nos recônditos do passado e que faz parte da história da sociedade, assumindo um duplo viés: exerce um papel terapêutico no momento em que os traumas são trabalhados, de maneira a promover a catarse daquele que denuncia e social quando esta denúncia faz refletir acerca dos fatos, numa explicação do passado que fomenta uma melhor assimilação e compreensão do presente, não num movimento de celebração do que passou, mas no de alerta contra a repetição de tais episódios.

A partir de Foucault e seus estudos acerca do poder punitivo sobre o indivíduo, fez-se uma cronologia das práticas de violência e tortura como meio de incutir no sujeito as relações de força características das sociedades autoritárias e dos regimes de exceção.

Para o psicanalista Marcelo Viñar, o trauma como ruína física e psicológica que a tortura traz ao ser humano, obedece três fases: a primeira corresponde à destruição da pessoa, dos seus valores e convicções. A segunda visa a desorganização do sujeito consigo mesmo e com o mundo, fazendo-o negar quem ele é; é a demolição propriamente dita, ou "esvaziamento" - quando o torturador se apodera da identidade, dos valores e da história do sujeito. A terceira busca a substituição da conduta da vítima por outra em maior conformidade com os "valores" do torturador e daqueles que o comandam.

Além dos estudos de Freud dedicados ao trauma, foram importantes aqueles que se relacionam com a melancolia e o luto, uma vez que existe uma estreita relação entre estes com elaboração da história social. Originalmente dentro da psicanálise, corpo e linguagem faziam parte de unidades estanques, no qual o interesse por um implicava a negligência do outro. Mas é através da noção de corpo como fonte de pulsão que este é transformado em elemento constitutivo das elaborações psíquicas, e a linguagem um meio eficaz para elaborá-lo.

De posse de tais pressupostos, pode-se analisar a ruptura do discurso do sujeito torturado, do não-dito proveniente do trauma e da desarticulação primária entre o corpo e a linguagem, que indicam no corpo discursivo o discurso do corpo maltratado.

### **Metodologia e resultados**

A base metodológica do trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica tendo como corpus os textos testemunhais e teóricos já referidos, além de outros que se fizeram importantes para o desenvolvimento do projeto. Nesse sentido, procurou-se revisar a produção bibliográfica a respeito da teoria do testemunho e do trauma, bem como do que se tem escrito sobre a produção literária pós-64.

Num segundo momento pretendeu-se analisar e interpretar as obras que constituem o corpus à luz do referencial teórico proposto. Consoante esse trabalho, fez-se um levantamento e uma avaliação das produções audiovisuais sobre o período e o tema em questão. Das obras examinadas vale destacar os documentários *Que bom te ver viva*, de Lúcia Murat; *Hércules 56*, de Silvio Da-Rin; *No olho do furacão*, de Toni Venturi e Renato Tapajós; o curta-metragem *15 Filhos*, de Maria de Oliveira Soares e Marta Nehring; além dos quatro episódios da série *Contos da Resistência*, apresentados pela TV Câmara. Cabe ainda ressaltar a importância da fortuna cinematográfica nacional que retrata o período, com maior ou menor isenção, para a relação entre a história narrada e a concepção de uma memória coletiva a partir desta.

Por fim, procedeu-se à redação de textos e artigos, nos quais buscou-se alcançar a definição das características do gênero testemunhal no Brasil e sua relação com o trauma e a memória.

### **Conclusão**

Tendo como base a produção testemunhal dos anos pós-64, com um recorte nos textos mencionados, o estudo da importância do testemunho e da memória na cultura brasileira mostra-nos que os atos de repressão e tortura levados a cabo naqueles anos, por não terem sido expostos e apropriadamente discutidos com o público, não foram assimilados pela sociedade, produzindo uma espécie de distanciamento, de apagamento da história recente do país, o que Jeanne-Marie Gagnebin aponta como a necessidade do esquecimento que assume a dubiedade daquele “*fazer de conta que não se sabe, recalcar, saber, mas não querer saber*”. Motivo pelo qual a pesquisa em questão também se faz importante.

Conforme foi exposto nas leituras dos teóricos da psicanálise, a fragmentação do indivíduo, produto do trauma sofrido, se consubstancia nas vozes do corpo e do discurso (ou na não-voz). O corpo hesita, treme e teme a evocação das memórias mais dolorosas, trava o discurso imerso em cesuras impostas pelo trabalho penoso de reviver as sevícias sofridas, convertendo-se num ambíguo processo de recuperação e narração das experiências vividas.

Assim sendo, o discurso do torturado conserva uma íntima relação com o corpo no qual foi inscrito. É essa escritura do corpo em seu limite que situa o tecido da fala, seus entremeios e suas cisões, numa angustiada e paciente fiação. Urdidura cuja trama não se

fecha, sempre havendo o fio solto do incoercível, do indizível, do imponderável. Visto que o relato, pontuado de silêncios era decorrente da impossibilidade de verbalizar o ocorrido. O silêncio, o vazio e a solidão já estavam entranhados na memória física do sujeito que se põe a falar de sua condição passiva enquanto objeto de intervenções alheias, reconstruindo o corpo narrado, matéria-prima conformada pelas memórias do cárcere. Essa fragmentação do discurso da qual falamos é, ainda, mais patente nas produções audiovisuais, que lançam mão do depoimento sem cortes das vítimas, a fim de transmitir a veracidade daquilo que se sente durante a revisitação de uma memória traumática.

Cada depoimento é único no sentido de que o modo de confrontar o trauma experimentado pelo sobrevivente dessa experiência-limite é uma particularidade do sujeito vitimizado. É neste testemunho oral que o indizível se torna mais patente, visto que os longos períodos de silêncio e a própria conformação corporal: mãos trêmulas, hesitação, espinha alquebrada, taquicardia, cicatrizes, a íris apagada e as lágrimas incoercíveis. O incomunicável que *“não pode ser duplicado na página impressa”* a falar por si.

Portanto, não existem padrões que dêem conta de avaliar e analisar a experiência desse corpo discursivo. A distância entre o fato vivido e o fato narrado transforma-se no maior obstáculo para a compreensão humana, visto que a linguagem não encontra correspondência, sendo possíveis apenas débeis aproximações.

### Referências

1. ACIOLI, Socorro. **Frei Tito**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. 105p.
2. ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: nunca mais**. 32 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 312p.
3. BETTO, Frei. **Tito: a paixão**. In: Batismo de Sangue. 14ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 447 p.
4. CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1980. 182p.
5. CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino (orgs). **Memórias do exílio: Brasil, 1964-19??**. São Paulo: Livramento, 1978. 371p.
6. COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Ventos, 1997. 157p.
7. DA-RIN, Silvio. **Hércules 56**. Rio de Janeiro: Antonioni & Amado Produções Artísticas Ltda. e outros, 2006.
8. FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991. 262 p.
9. \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1992. 295 p.
10. \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 176 p.
11. FREIRE, Alipio; ALMADA, Izaias (orgs). **Tiradentes, um presídio da ditadura**. São Paulo: Scipicione Cultural, 1997. 518p.
12. FREUD, Sigmund. **Fixação em traumas – o inconsciente**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
13. \_\_\_\_\_. **Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
14. \_\_\_\_\_. **Luto e Melancolia**. Trad Marilene Carone. In: Novos Estudos Cebrap, nº 32, março 1992. p 128-142.
15. GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006. 220 p.

16. \_\_\_\_\_. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago, 1997. 181 p.
17. GINZBURG, Jaime. **A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil.** In: Revista Letras. Santa Maria, UFSM, nº 18 e 19, jan-dez 1999.
18. \_\_\_\_\_. **Conceito de melancolia.** In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, nº 20, jun 2001.
19. \_\_\_\_\_. **Escritas da tortura.** In: L'ordinaire Latino Americain. Université de Toulouse, nº 183, jan-mar 2001.
20. KEIL, Ivete; TIBURI, Marcia. **O corpo torturado.** Porto Alegre: Escritos Editora, 2004. 299 p.
21. MURAT, Lucia. **Que bom te ver viva.** Rio de Janeiro: Taiga Filmes, 1989.
22. ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos.** Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002. 181 p.
23. PELLEGRINO, Hélio. **A burrice do demônio.** Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 220 p.
24. QUEIROZ, Maria José de. **A literatura encarcerada.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 163 p.
25. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção.** In: Letras, Santa Maria, UFSM, nº 16, janeiro / junho 1998.
26. \_\_\_\_\_. **História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes.** Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003. 525 p.
27. \_\_\_\_\_. **A literatura do trauma.** In: Revista Cult, nº 23, junho 1999.
28. SOARES, Maria de Oliveira; NEHRING, Marta. **15 Filhos.** São Paulo, 1996.
29. TAPAJÓS, Renato; VENTURI, Toni. **No olho do furacão.** São Paulo, 2003.
30. TAVARES, Flávio. **Memórias do Esquecimento.** 2ª edição. São Paulo: Editora Globo, 1999. 276 p.
31. TV CÂMARA. **Contos da Resistência.** Brasília, 2004.
32. VIÑAR, Marcelo. **Exílio e tortura.** Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992. 155 p.